ENTREVISTA

A DERRADEIRA ENTREVISTA DE JOSÉ RÉGIO

O Diabo é um mito

José Régio morreu faz hoje, dia 7, precisamente 25 anos. O «JL» publica aquela que seria a derradeira entrevista do escritor, concedida ao jornalista da RDP, Manuel Varella. Em 1968, em Vila do Conde

MANUEL VARELLA

Foi com teimosia e algum espírito de aventura que conheci, em 1968, José Régio. A uma distância de vinte e seis anos, separa-me apenas a ideia da minha então «clandestinidade intelectual» e o impulso decisivo em rumar a Vila do Conde e entrevistar o poeta da «Sarça Ardente» a pretexto de fazer mais uma *mélicodoce* reportagem para os habituais *teleinformativos* da RTP. À revelia das primeiras intenções, assim aconteceu.

Avistei-me com Régio à porta de um café em Vila do Conde, numa manhã húmida e nevoenta de Novembro. «Café» de antigamente, ao estilo cerrado da Arte Nova com mesas de tampo de vidro e aros de tubo niquelado, cadeiras de abanão a condizer. A um convite seu, entrei. Sentados no contraluz *soft* vindo do enorme vidro da montra onde se avista o cais, pedimos dois cafés. Disse ao que vinha. Dou uma razão (que a não era) como intróito e peço-lhe que aceda a uma pequena conversa para a televisão, etc., o costume. Profundamente calmo, medindo as palavras na sua farta experiência em lidar com gente nova, diz-me: «A televisão vem tão pouco a esta terra que me sinto honrado com seu convite. Eu não gosto de falar para multidões, e a TV tem essa vantagem: é uma multidão que não sei se me tranquiliza porque não a vejo, se me deixa mais aterrorizado por saber que ela existe sem eu a ver...»

Estas palavras — e que me desculpem a sua transcrição de memória, porque ao tempo apenas escrevi uns tópicos ao fim do dia — elegeram no meu espírito um calmante sentimento de abertura. Falo-lhe directamente do que ele pretendia: uma entrevista, e umas imagens do escritor e do poeta José Régio.

Com a mesma calma disse compreender o interesse da RTP, em querer valorizar o documento com este tipo de trabalhos em benefício da História da Cultura Portuguesa, e que por essa razão acedia em participar na reportagem sugerida.

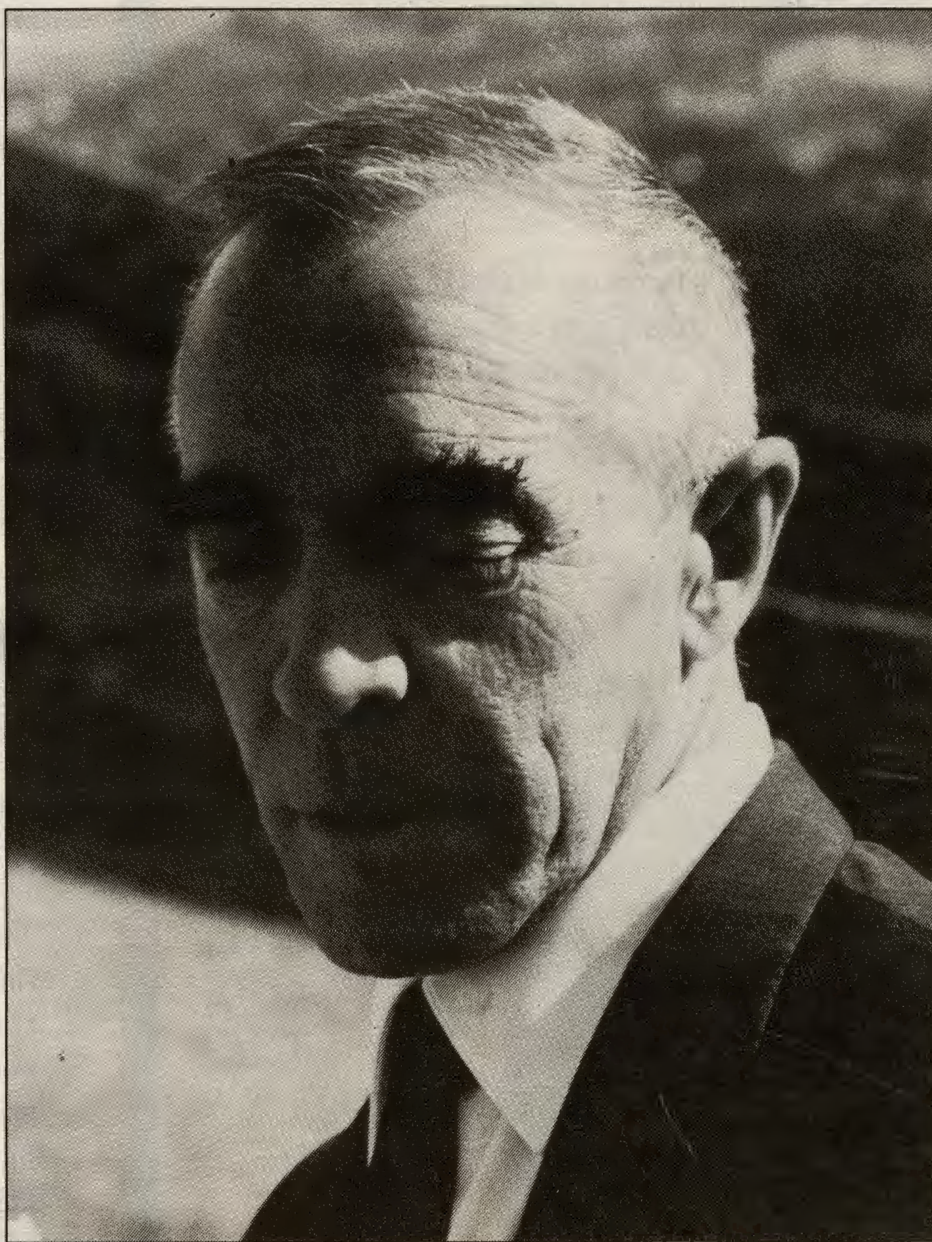
Não será de mais lembrar que, no ano em que tive esta conversa com o poeta, estava instituída em Portugal a ideia do proibido, do parece mal. Tudo.

Um dos temas «malditos» seria, obviamente, tudo o que se relacionasse com as irreverências laicas, que de algum modo desestabilizasse o metrónomo religioso do sistema. E o *leit-motiv* da minha conversa com Régio era o «mal aceite», conteúdo do livro «Poemas de Deus e do Diabo».

O título ao tempo duvidoso ostenta um significado enganoso na imprecisão da palavras *poemas*, como na proposição do genitivo, relativo ou possessivo, na atribuição da autoria a quem não fala, a Deus e ao Diabo.

O filósofo Álvaro Ribeiro, que foi muito amigo de Régio, escreveu: «Do título deste livro depreenderia o leitor ingénuo a impressão de estar em presença de temática religiosa, isto é, dos problemas humanos referidos ao nascer e ao morrer, ao nutrir e ao amar, ao crescer e ao multiplicar. A temática de José Régio é, porém, mais vária e aperfeiçoada pelo talento reflexivo ou pelo génio especulativo de tão nobre como alto poeta. Deste modo explicamos que toda a sua poesia seja intrinsecamente filosófica.»

«Poesia intrinsecamente filosófica», a de José Régio, foi a expressão que me levou a conhecer o homem que tratou o problema da religião e da religiosidade isento de tabus e conceitos divinatórios, sem por isso deixar de ser «Homem religioso».



JOSÉ RÉGIO

Manuel Varella — «Poemas de Deus e do Diabo» apresentam-se como um conflito entre Deus e o Homem, do espírito e da carne, do indivíduo e da sociedade. Em qual destas situações se encontra José Régio?

José Régio — O conflito não é propriamente entre Deus e o Homem — a sua parte Divina e a sua parte demoníaca. Deus e o Diabo seriam dois deuses se ambos fossem realidades absolutas. Deus é que é para mim uma realidade absoluta. O Diabo é uma espécie de aparência, mas que tem poder sobre o Homem. Nessa medida o Homem entraria em conflito com Deus.

M.V. — Acredita no Inferno como expressão de local de sofrimento?

J.R. — Não. Não acredito de maneira nenhuma.

M.V. — Porquê então a imagem do Diabo?

J.R. — O Diabo é um mito que representa as forças do mal, tudo aquilo que possa opor-se a Deus, à santidade com as forças maléficas. Não credito no Inferno de forma nenhuma. Não posso acreditar que houvesse uma eternidade de sofrimento para o Homem, depois de tantas vezes já ter sofrido neste Mundo.

M.V. — José Régio é considerado pela crítica mais poeta que prosador. Como reage a esta afirmação?

J.R. — É conforme o sentido que se der à palavra poeta. É possível que a poesia, no sentido largo da palavra, seja a minha expressão mais completa. Pessoalmente, considero-me tão prosador como versificador, quero dizer: tenho tanto gosto em escrever em prosa como escrever em verso. Aliás comecei a escrever prosa e verso na mesma idade.

Acho que as pessoas que, por vezes, diminuem

a minha prosa em relação à poesia, procuram nos meus romances aquilo que encontram nos meus poemas. Mas uma poesia, um poema e um romance são coisas muito diversas. Na prosa desenvolvem-se faculdades de análise, de observação e de raciocínio que geralmente não aparecem na poesia.
Por mim não tenho menor estima (a supor que tenho alguma estima) pela minha prosa, que tenho pela minha poesia. E acho que me julgaria muito incompletamente expresso se não escrevesse também novelas, romance e teatro.

M.V. — Nas «Encruzilhadas de Deus», apresenta uma narrativa torrencial e reflexiva, não dispensando momentos dramáticos e líricos. Considera a sua obra poética mais completa?

J.R. — Há muitas pessoas que consideram que a minha maior — maior, segundo eles — produção poética está nas «Encruzilhadas de Deus» no poema final, «Sarça Ardente». Eu próprio aceito essa opinião. Suponho que, realmente, «Sarça Ardente» seria o meu poema mais completo, mais satisfatório para mim próprio. Mas, fora disso, não suponho que o resto do livro seja superior, senão em certos aspectos, aos meus outros livros de versos. Há até muitas poesias que eu gostaria de eliminar ou pelo menos vários fragmentos de muitas dessas poesias.
Já tenho dito que nas «Encruzilhadas de Deus» há um ímpeto juvenil, uma força que, de certa maneira, se vai atenuando com os anos, o que é natural. Mas há várias formas de força: a força de certa maneira biológica, que aparece no ímpeto das «Encruzilhadas» e a força da reflexão, da concentração. Há uma vigência maior de forma, de depuração nos meus outros livros. Não saberia dizer qual é o meu livro preferido, porque gosto de uns por certos aspectos e prefiro outros, por outros. Gosto desta diversidade.

A «PRESENÇA»

(A caminho de casa de Régio passámos pelo jardim junto ao cais, defronte da «Velha Casa» dos seus romances. Ali mesmo, em free camera *operada por Artur Moura, o poeta da «Presença» fala-me da sua posição intelectual na revista de que foi um dos fundadores.)*

J.R. — Para mim, a «Presença» teve uma acção muito importante no «Modernismo» português, que tinha aparecido com a revista «Orpheu». Foi uma fase verdadeiramente revolucionária. Mas o «Orpheu» não tinha críticos. A «Presença» veio tomar uma consciência crítica do Modernismo português. Já a têm acusado, até, de ser reaccionária. A verdade é que a «Presença» começou por fazer a propaganda da gente de «Orpheu». A glória actual de Fernando Pessoa, começou na «Presença». A ele dedicámos um número quando da sua morte, e de uma forma geral, fizemos uma crítica ao Modernismo português, além de lançarmos autores estrangeiros que eram desconhecidos em Portugal.

M.V. — «As Encruzilhadas de Deus» foi escrito durante a existência da revista «Presença». Logo depois publica «Fado». Esta mudança temática de alguma forma é uma renúncia às proposições dos «Poemas de Deus e do Diabo» ou às «Encruzilhadas de Deus»?

J.R. — A força do «Fado» (admitindo que haja força) é muito diferente de «As Encruzilhadas de Deus» ou de «Poemas de Deus e do Diabo». No «Fado» quis fazer uma espécie de aproveitamento literário do fado português, caricaturando em jeito de paródia as próprias letras dos fados que por aí se cantam, e os folhetos das feiras em que há letras para o fado.

> **«Para mim a 'Presença' teve uma acção muito importante no 'Modernismo' português, que tinha aparecido com a revista 'Orpheu'. Foi uma fase verdadeiramente revolucionária. Mas o 'Orpheu' não tinha críticos. A 'Presença' veio tomar uma consciência crítica do Modernismo português»**

M.V. — O seu novo livro de poemas, que publicou este ano (1968), «Cântico Suspenso», é uma nova pequena provocação para confundir quem conheça a sua obra? Se pessoalmente o criticasse, como fiz aos «Poemas de Deus e do Diabo», qual seria a sua conclusão?

J.R. — Sobre este livro teria muito a dizer. Vejo que é bastante discutido e, como aliás se previa, descontenta alguns daqueles que apreciam mais os meus outros livros. No entanto, é um livro de amadurecimento em que procurei uma concentração, uma depuração de forma, e até de secura que desgosta, talvez, os leitores dos meus outros trabalhos. De qualquer maneira não considero inferior, ou nitidamente inferior. Se assim fosse não o teria publicado.
Em relação à sua segunda questão, entendo que é um livro para ler devagar e para julgar com um bocadinho de ponderação.

Da breve conversa que tive com José Régio, cuja personalidade e humanidade me deixou, posso dizê-lo, marcado para sempre, recordo um relance em que o fixei nos olhos, a tristeza das suas últimas palavras, «estou a rever o meu livro, que gostaria de publicar antes de morrer. Chama-se, 'Confissão de um Homem Religioso'».
Pouco mais de um ano depois, o poeta da «Presença» morre sem que o seu «testamento» íntimo fosse publicado. Numa carta dirigida a alguém muito da sua intimidade e que parece nunca ter sido enviada, antes intercalada no original da «Confissão de um Homem Religioso». Régio escreve: *«(...) sustento que não há ligação profunda, mesmo entre indivíduos do mesmo sexo ou entre um ser humano e Deus, sim, até no amor místico como tantas vezes os místicos no-lo revelam, que não implique, não envolva, a natureza física do homem: a sua animalidade, se quiseres. Tudo quanto no homem é profundo tende para uma integralidade ou integralização... E como eu sou um homem profundo, pouco entenderá de mim quem não vir que todas as minhas contradições e dissonâncias propendem para um integral transcendente ou unidade desconhecida».*